

## O ESTATUTO DAS CHAMADAS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS NO SISTEMA DO PORTUGUÊS

Maria Helena de Moura NEVES \*

---

*RESUMO: O objetivo do trabalho é o estudo, em português, das chamadas conjunções coordenativas, buscando-se determinar: a) a invariância sintática (valor comum); b) a invariância semântica de cada elemento; c) as variantes contextuais. Pretende-se chamar a atenção para a necessidade de se buscar o valor de um determinado elemento na estruturação sintagmática do texto tomado como unidade, e de se proporem critérios para a organização desses elementos em classes dentro do sistema da língua.*

*UNITERMOS: Coordenação; conjunção; coordenador interfrásico; bloqueio de aposição.*

---

I. O objetivo deste trabalho foi estudar as chamadas *conjunções coordenativas* em português a partir de suas ocorrências interfrásicas, buscando determinar:

- a) a definição de cada um desses elementos (a invariância);
- b) o valor básico comum a eles (a invariância que permite sejam eles agrupados em uma classe no sistema da língua);
- c) os diferentes empregos desses elementos (variantes contextuais).

Observamos a ocorrência das chamadas *conjunções coordenativas* em posição inicial de frase, porque é nossa hipótese que os tipos de ocorrência interfrásica contêm os de ocorrência intrafrásica, e não o inverso. Supomos, ainda, que a ocorrência da “conjunção” após pausa de final de frase permite uma melhor avaliação do valor desse elemento.

De início, levou-se em conta o conceito bem geral — e exatamente porque bem geral — de *conjunção* (na esfera do texto) proposto por Halliday & Hasan<sup>5</sup>. Para esses autores a conjunção — um tipo de relação semântica difícil de definir em termos claros — é uma especificação do modo pelo qual o que vai seguir-se está sistematicamente conectado com o que veio antes (p. 227). Segundo eles, a expressão dessas relações conjuntivas pode ser feita por advérbios, por conjunções coordenativas e por preposições seguidas de um item anafórico (p. 231).

A partir dessa conceituação, registramos ocorrências de cerca de cento e cinquenta elementos, mas o exame efetivo se limitou aos elementos *e*, *mas* e *ou*, delimitação imposta pela própria conceituação que o curso do trabalho fixa para a classe das chamadas *conjunções coordenativas*.

Considerou-se necessário, no exame do coordenador interfrásico, observar o efeito das duas características básicas desse tipo de ocorrência:

- 1.º) o corte em duas frases (quando se poderia ter optado por uma só);
- 2.º) o emprego do coordenador, se já havia corte.

---

\* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP - 14800 - Araraquara — SP.

Isso significa que procuramos verificar o que havia de diferente:

- a) com o coordenador, mas sem a pausa de final de frase;
- b) sem o coordenador, mas com a pausa de final de frase.

Desse modo buscamos determinar o valor dos elementos *e*, *mas* e *ou*, o que significou buscar determinar o valor comum desses elementos.

II. As chamadas *conjunção coordenativa* e *conjunção subordinativa* têm sido sempre definidas nas gramáticas por referência ao estatuto sintático dos segmentos entre os quais ocorrem: a conjunção coordenativa “liga” elementos de igual estatuto sintático e a conjunção subordinativa “liga” um termo subordinado ao seu subordinante.

Acreditamos que a ênfase conferida, na quase totalidade dos estudos gramaticais, a uma função conjuntiva, ou “ligadora” das (por isso mesmo) chamadas *conjunções* decorre da perspectiva em que esses estudos se situam. Numa visão sintética, em que se parte dos elementos componentes e se faz o percurso das relações integrativas, na perspectiva dos elementos menores para os maiores — e, especialmente, se se pára nos limites da frase —, de fato, um *e*, por exemplo, é simplesmente um elemento de ligação.

Na nossa consideração, porém, a perspectiva muda, partindo-se do conjunto coordenado para os membros coordenados.

III. Sejam dados os enunciados:

- (1) No duro chão empinavam-se os arbustos. *E* as pedras. (Lispector, 7, p. 38).
- (2) (Otávia) Quis saber o motivo mas a governanta apenas franziu os lábios, como fazia antes de formular qualquer frase. *E* não respondeu (Teles, 11, p. 61).
- (3) Era raso, como sabiam todos os meninos. *E* a água mal chegava aos joelhos do pesquisador (...) (Rezende, 9, p. 56).
- (4) (O cão) Tornaria a ouvir a voz do velho Naê. *E* tudo voltaria a ser exatamente como tinha sido até então (Condé, 2, p. 144).
- (5) A entrevista está se engrenando, sentem todos. *E* as perguntas começam a matraquear. (Dines, 4, p. 8).
- (6) Entre ele e Nestor, havia uma distância de três ou quatro passos. *Mas*, quase sem rumor, com a leveza e a prontidão de uma sombra, o outro se postou à sua esquerda. (Lins, 6, p. 113).
- (7) Eu não valho nada, patrão. *Mas* o senhor pode contar comigo pra o que der e vier. (Sales, 10, p. 62).
- (8) Velho e cego, (o cão) não podia enxergar as fisionomias que o rodeavam, nem podia perceber o rancor que cada expressão revelava. *Mas* teve medo e procurou fugir. (Condé, 3, p. 127).
- (9) Ângela bem poderia ter sido minha mulher. *Ou* irmã (...) (Pereira, 8, p. 20).
- (10) Os índios não sei se têm alma imortal. *Ou* se ainda têm. Nós eu sei que não temos. (Callado, 1, p. 129).

IV. Os esquemas realizados, com coordenação interfrasal (aqui chamados *esquemas A*), correspondem a possíveis esquemas com coordenação intrafrasal (aqui chamados *esquemas B*)

Comparem-se os enunciados (1) a (10) (*esquemas A*) com os enunciados (1a) a (10a) (*esquema B*), respectivamente:

- (1a) No duro chão empinavam-se os arbustos e as pedras.

- (2a) (Otávia) Quis saber o motivo, mas a governanta apenas franziu os lábios, como fazia antes de formular qualquer frase, e não respondeu.
- (3a) Era raso, como sabiam todos os meninos, e a água mal chegava aos joelhos do pesquisador.
- (4a) (O cão) Tornaria a ouvir a voz do velho Naé, e tudo voltaria a ser exatamente como tinha sido até então.
- (5a) A entrevista está se engrenando, sentem todos, e as perguntas começam a ma-traquear.
- (6a) Entre ele e Nestor, havia uma distância de três ou quatro passos, mas, quase sem rumor, com a leveza e a prontidão de uma sombra, o outro se postou à sua esquerda.
- (7a) Eu não valho nada, patrão, mas o senhor pode contar comigo para o que der e vier.
- (8a) Velho e cego, (o cão) não podia enxergar as fisionomias que o rodeavam, nem podia perceber o rancor que cada expressão revelava, mas teve medo e procurou fugir.
- (9a) Ângela bem poderia ter sido minha mulher, ou irmã.
- (10a) Os índios não sei se têm (alma imortal), ou se ainda têm.

Verifica-se que nos enunciados dos dois esquemas se mantém o estatuto sintático relativo dos dois segmentos coordenados.

V. Os esquemas realizados com coordenação interfrasal (aqui chamados *esquemas A*) não correspondem a esquemas em que simplesmente se suprimissem os elementos *e*, *mas* ou *ou* (aqui chamados *esquemas C*).

Comparem-se os enunciados (1) a (10) (esquemas A) com os enunciados (1b) a (10b) (esquemas C), respectivamente:

- (1b) \* No duro chão empinavam-se os arbustos. As pedras.
- (2b) (Otávia) Quis saber o motivo mas governanta apenas franziu os lábios, como fazia antes de formular qualquer frase. Não respondeu.
- (3b) Era raso, como sabiam todos os meninos. A água mal chegava aos joelhos do pesquisador.
- (4b) (O cão) Tornaria a ouvir a voz do velho Naé. Tudo voltaria a ser exatamente como tinha sido até então.
- (5b) A entrevista está se engrenando, sentem todos. As perguntas começam a ma-traquear.
- (6b) Entre ele e Nestor, havia uma distância de três ou quatro passos. Quase sem rumor, com a leveza e a prontidão de uma sombra, o outro se postou à sua esquerda.
- (7b) Eu não valho nada, patrão. O senhor pode contar comigo para o que der e vier.
- (8b) Velho e cego, (o cão) não podia enxergar as fisionomias que o rodeavam, nem podia perceber o rancor que cada expressão revelava. Teve medo e procurou fugir.
- (9b) \*Ângela bem poderia ter sido minha mulher. Irmã.
- (10b) Os índios não sei se têm (alma imortal). Se ainda têm.

Verifica-se que, nos esquemas C, deixa de estar garantida a coordenação, sentindo-se o segundo membro coordenado (aqui chamado S'') como ainda preso ao primeiro

(aqui chamado S'); ou, no mínimo, tem-se um enunciado estranho (veja (1b) e (9b)).

Assim:

- em (2b), S'' reitera S';
- em (3b) a (5b), S'' explicita e/ou particulariza S';
- em (6b) a (8b), S'' ilustra S';
- em (10b), S'' reformula S'.

Nos esquemas C, portanto, S'' representa um segmento de texto que retoma, de algum modo, S' (ou algum ponto de S'), constituindo uma explanação, explicação, explicitação, particularização, reiteração, ilustração ou reformulação.

VI. Essa correspondência entre os esquemas A (com pausa de final de frase antes do último segmento coordenado), e os esquemas B (sem pausa de final de frase antes do último segmento coordenado), ambos os tipos com ocorrência do elemento *e* no início desse último segmento, permite-nos concluir que:

- a) o *e* intrafrásico e o *e* interfrásico, quando usados em esquemas correspondentes, têm o mesmo valor básico no texto;
- b) a ocorrência do *e* interfrásico descaracteriza o efeito da pausa de final de frase que o antecede, considerando-se que esse efeito era encerrar S' dentro do limite pela pausa indicado, e que, no entanto, no possível esquema B, a frase S'' representa um termo da estrutura sintática de S' (o último de uma série de termos).

Afirmada essa correspondência dos esquemas A e B, resta, porém, avaliar as diferenças entre eles, já que, entendemos, nada no texto é gratuito, e, portanto, qualquer diferença entre dois textos tem significação.

Propomos que se denomine *pausa dramática* a que existe nos esquemas realizados (A), uma pausa que tem efeito no drama da linguagem: ela indica um encerramento que, afinal, não se efetua, e, assim, o acréscimo de S'' a S' tem efeito dramático. O acréscimo de S'' a S' é diferenciado, marcando-se mais diretamente uma intervenção do sujeito da enunciação no enunciado: o inesperado da seqüência após a pausa chama a atenção para o próprio fato de haver seqüência.

VII. Essa não-correspondência entre os esquemas A (com o elemento *e* antes de S'') e os esquemas C (sem o elemento *e* antes de S''), ambos os tipos com ocorrência de pausa de final de frase antes de S'', permite concluir que:

- a) a pausa de final de frase após um segmento deixa sem definir a natureza do segmento que vem em seqüência;
- b) o *e* interfrásico descaracteriza o efeito da pausa de final de frase que o precede, isto é, anula a condição de membro último que a entoação conferia ao segmento precedente; deste modo, o *e* define como co-ordenados o segmento que ele inicia e o precedente (encerrado por pausa de final de frase).

VIII. A partir do confronto com os possíveis esquemas B (correspondência) e com os esquemas C (não-correspondência), o exame dos esquemas realizados A (com pausa de final de frase após S' e com o elemento *e*, *mas* ou *ou* antes de S'') permite-nos concluir que:

- a) o valor básico desses elementos (intrafrásicos ou interfrásicos) é a co-ordenação de segmentos, isto é, a apresentação de S'' como acréscimo a S', sendo S' e S'' elementos de igual estatuto em uma seqüência;

- b) o *e*, o *mas* e o *ou* interfrásicos são elementos capazes de garantir essa co-ordenação, já que corrigem o efeito da pausa de final de frase que ocorre após S' e que, por si, marcaria S' como segmento último (último elemento de uma série).

IX. Propomos, assim, que o traço central que define dois segmentos entre os quais ocorre uma *conjunção coordenativa* é o da exterioridade: o segundo segmento é, sintaticamente, externo ao primeiro, e a conjunção coordenativa é bloqueador da oposição do segundo segmento ao primeiro. Assim, como invariância para definir o valor da conjunção coordenativa, propomos um comando sintático: "O segundo conjunto (S'') constitui uma unidade sintática externa ao primeiro (S')".

X. Garantido para o *e*, o *mas* e o *ou* esse valor de *coordenador*, resta definir o significado básico de cada um desses elementos.

Dentro da proposta básica desta Comunicação, não cabe explicitar os mecanismos de descoberta para as determinações encontradas. Limitamo-nos, pois, a indicá-las suscintamente.

A partir da invariância sintática encontrada (exterioridade entre S' e S''), verificou-se que:

- a) na ocorrência de *e*, S' e S'' se somam;
- b) na ocorrência de *mas*, S' e S'' se diferenciam;
- c) na ocorrência de *ou*, S' e S'' se alternam.

Assim, propomos como definições semânticas básicas:

- a) Para o *e*, adição. Essa definição se relaciona com o próprio significado etimológico de *e*, entendida a relação temporal apenas no sentido da estruturação do enunciado. A ocorrência de *e* entre dois segmentos indica que cada um deles é externo ao outro (co-ordenado) e que o segundo se soma ao primeiro no processo de enunciação. Fica indeterminada a direção que toma S'' em relação a S', tanto na organização das unidades de informação como na organização argumentativa.
- b) Para o *mas*, desigualdade. Essa definição se relaciona com o próprio significado do étimo latino *magis*. Basicamente o *mas* expressa a relação entre dois segmentos de algum modo desiguais entre si: cada um deles não só é externo ao outro (co-ordenado), mas, ainda, é, marcadamente, diferente do outro. O emprego do *mas* entre esses segmentos representa a explicitação dessa desigualdade, indicando que o enunciador a reconhece e se utiliza dela na organização de seu enunciado, tanto na distribuição das unidades de informação, como na estruturação da argumentação.
- c) Para o *ou*, alteridade: o segmento iniciado por *ou* vem como alternativa nova em relação ao segmento enunciado precedentemente. A partir da enunciação dessa alternativa, o segmento anterior passa a ser entendido como uma primeira alternativa, estivesse ou não formulado como tal.

A partir dessas invariâncias pode-se tentar responder pelas diversas ocorrências de cada um desses elementos, incursionando, então, pelo terreno da análise semântica do enunciado total e pelas considerações de suas condições de produção.

Temos como certo que essas caracterizações se fazem em terreno fluído, já que o que se observa é o nível dos semas contextualizados. Não é possível a fixação de classes perfeitamente delimitadas, e o analista tem de contentar-se com aproximações. Realmente, a falta de caracterização marcada não permite nem mesmo a formação de grupos que se excluem mutuamente, e o máximo que julgamos ser possível foi encontrar

traços que de algum modo aproximam determinadas ocorrências-tipo e apartam outras.

Também aqui nos limitamos à apresentação dos resultados encontrados, e nem mesmo as classificações e subclassificações esboçadas serão indicadas. Apenas se farão considerações gerais para cada um dos co-ordenadores:

- a) Para o *e*. É gradualmente que se passa de uma adição comumente chamada “pura e simples” para a adição enfática, a adição com alternância e a adição com contraste. E é sem prejuízo da invariância encontrada que o *e* faz a adição de unidades do sistema de informação ou de argumentos, seja na mesma direção, seja com inversão de direção.
- b) Para o *mas*. É geralmente com zonas nebulosas de interferência que se passa de uma desigualdade pouco caracterizada para o contraste, a contrariedade, e se chega à oposição, à negação, à anulação, à rejeição (as três últimas seguidas, ou não de re colocação). Essa desigualdade se registra segundo várias escalas: a) diferença de natureza; b) diferença de grau em uma mesma direção.

Por outro lado, o registro das dissemelhanças só pode assentar-se na base das semelhanças, o eixo capaz de prover fundamento para o estabelecimento de diferenciações. Aparece, portanto, como outro traço característico da relação “adversativa” o reconhecimento de uma entidade, para posterior registro de sua desconsideração, negação, anulação, rejeição.

Propomos, assim, que, em todo enunciado em que ocorre o elemento *mas*, há algo de oposição (que vai de um mínimo, a condição de simples desigualdade, a um máximo, a anulação) e algo de admissão (que vai de um mínimo, o simples reconhecimento ou registro de existência, a um máximo, a concessão).

- c) Para o *ou*. Permitem-se apenas indicações e aproximações, dadas as múltiplas interferências no nível da manifestação. Há restrições de ordem, que se ligam especialmente à modalização dos segmentos co-ordenados, e as restrições básicas se referem ao fato de S' não poder ser enunciado como verdadeiro. Desse modo, o *ou* co-ordena: a) S' = realidade/verdade + S'' = eventualidade; b) S' = eventualidade + S'' outra eventualidade.

XI. Assim, os três elementos co-ordenadores podem ser classificados e subclassificados numa gradiência, que vai da mais neutra adição ao máximo da exclusão, passando pela contraposição e pela oposição, conforme a contextualização dos semas básicos de cada um. Entretanto, estará por trás dessas indicações diferenciais, além da definição semântica básica de cada co-ordenador, uma definição unívoca da natureza básica da co-ordenação, definição obtida pela análise desses elementos a partir do nível do texto: a garantia de exterioridade entre dois segmentos estruturalmente autônomos.

XII. Pretendeu-se, aqui, apresentar sugestões do modo de tratamento da organização das chamadas *classes de palavras*.

O único interesse real da proposta é chamar a atenção para a necessidade de se buscar o valor de um determinado elemento na estruturação sintagmática do texto tomado como unidade, e de se proporem critérios para a organização desses elementos em classes, dentro do sistema da língua.

NEVES, M.H. de M. — O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português. *Alfa*, São Paulo, 29:59-65, 1985.

---

NEVES, M.H. de M. — The statute of the so-called coordinate conjunctions in the Portuguese system. *Alfa*, São Paulo, 29:59-65, 1985.

*ABSTRACT: The object of this work is a study in Portuguese of the so-called coordinate conjunctions, trying to determine: a) the syntactic invariability (common value); b) the semantic invariability of each element; c) the contextual invariabilities. We try to call the attention to the necessity of looking for the value of an element in the syntagmatic structure of a text taken as a unity, and of proposing criteria for the organization of such elements into classes within the system of the language.*

*KEY-WORDS: Coordination; conjunction; intersentence coordinator; apposition blockage.*

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CALLADO, A. — *Quarup*. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.
2. CONDÉ, J. — Honrar pai e mãe. In: CONY, C.H. *et alii* — *Os dez mandamentos*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1965.
3. CONDÉ, J. — *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1978. v.5.
4. DINES, A. — Press-Conference In: DINES, A. *et alii* — *Vinte Histórias curtas*. Rio de Janeiro, Antunes, 1960.
5. HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. — *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.
6. LINS, O. — *O fiel e a pedra*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1961.
7. LISPECTOR, C. — *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro, José Álvaro, INL, 1970.
8. PEREIRA, L.M. — *Cabra cega*. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio, 1954.
9. REZENDE, O.L. — A pesca. In: LISPECTOR, C. *et alii* — *Contos*. Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1974.
10. SALES, H. — *Cascalho*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1974.
11. TELES, L.F. — *Ciranda de pedra*. São Paulo, Martins Fontes, 1955.